

A FLAMA INSPIRADORA: NARRATIVA EXPOGRÁFICA DO MUSEU DO CATETINHO COMO PARTE DO CONSTRUCTO DA MEMÓRIA NACIONAL**THE INSPIRING FLAME: THE EXPOSITORY NARRATIVE OF CATETINHO MUSEUM AS PART OF THE CONSTRUCTION OF NATIONAL MEMORY**

Artani Grangeiro da Silva Pedrosa

Mestranda em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio pela Universidade Estadual de Goiás (UEG)

artanigrangeiro@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0007-6335-9271>

Resumo: A memória nacional é construída a partir de elementos selecionados para a ideia de nação, e os bens culturais patrimonializados são parte desse projeto de construção de uma identidade nacional. O Catetinho foi preservado como símbolo de um período histórico e seu processo de musealização o destina a disseminar valores culturais e históricos dos anos JK, especificamente da transferência da capital do Rio de Janeiro para o Planalto Central. O objetivo deste artigo é refletir sobre a construção da narrativa museal do Museu do Catetinho, localizado em Brasília (DF), na perspectiva da memória nacional e observar as representações ao longo dos anos nesse patrimônio cultural. A análise foi realizada utilizando como base o inventário do Catetinho, produzido pelo IPHAN em 2017, registros iconográficos e dossiês da exposição do museu. Como resultado, foi possível visualizar uma linha do tempo das exposições do Catetinho de 1959 a 2022 e uma nuvem de palavras da exposição atual, Flama Inspiradora. Por fim, considerando a importância da função educativa de instituições museais, há de se considerar que as narrativas expositivas de um museu histórico devem conduzir à reflexão do seu público na perspectiva atual.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural. Memória Nacional. Discurso expográfico.

Abstract: The national memory is constructed from selected elements for the idea of the nation, and the cultural heritage assets are part of this project of constructing a national identity. The Catetinho was preserved as a symbol of a historical period, and its process of musealization is intended to disseminate cultural and historical values of the JK years, specifically the transfer of the capital from Rio de Janeiro to the Central Plateau. The objective of this article is to reflect on the construction of the museal narrative of the Catetinho Museum, located in Brasília (DF) from the perspective of national memory, and to observe the representations over the years in this cultural heritage. The analysis was carried out using as a basis the inventory of the Catetinho, produced by IPHAN in 2017, iconographic records, and dossiers of the museum exhibition. As a result, it was possible to visualize a timeline of the Catetinho exhibitions from 1959 to 2022 and a word cloud of the current exhibition, "Flama Inspiradora". Finally, considering the importance of the educational function of museum institutions,

Building the way

it must be considered that the expository narratives of a historical museum should lead to the reflection of its audience from a current perspective.

Keywords: Cultural Heritage. National Memory. Expository Discourse.

Considerações Iniciais

*“Foi ele (o Catetinho) a **flama inspiradora** que me ajudou a levar à frente, arrastando o pessimismo, a descrença e a oposição de milhões de pessoas, a ideia de transferência do governo” (grifo nosso).*

*Juscelino Kubitschek, ex-Presidente do Brasil
(1956-1961)¹*

A exposição é a principal forma de comunicação de um museu. Para Cury (2005) é onde se faz possível o contato e o aprendizado com o passado, e nesta concepção este artigo busca trazer uma reflexão do discurso histórico apresentado por objetos e painéis em um bem histórico musealizado, sob a égide dos aspectos da memória nacional definidos por Ortiz (2012). Considerando que a “memória nacional, é sempre um elemento que deriva de uma construção de segunda ordem [...] e em diferentes momentos históricos, procurou definir a identidade nacional em termos de caráter brasileiro” (ORTIZ, 2012, p. 137).

A análise feita neste artigo aborda a concepção patrimonial e museal do Museu do Catetinho, cuja edificação principal foi construída em 1956 e serviu como residência temporária do Presidente Juscelino Kubitschek enquanto a cidade de Brasília estava sendo construída. Os anos JK² são um momento histórico marcante do país, e foi no Catetinho que o chefe do Executivo Federal e sua equipe desenvolveram o plano diretor para a nova capital e trabalharam para garantir que a construção de Brasília fosse concluída dentro do prazo estipulado e inaugurada em 21 de abril de 1960.

¹ KUBITSCHKEK, Juscelino. **Porque construí Brasília**. Brasília: Senado Federal, 2000. (Edição Brasil 500 anos).

² Anos JK - expressão utilizada para se referir ao período de 1956 a 1961 do governo de Juscelino Kubitschek de Oliveira (1902-1976). Período marcado pela política econômica desenvolvimentista e pela construção da nova capital: Brasília.

Building the way

234

O Catetinho foi o núcleo pioneiro da Novacap e por muitos era conhecido como Palácio de Tábuas. Designado pelo Presidente Juscelino Kubitschek como o símbolo da transferência da capital para o Planalto Central, o local se tornou um marco histórico na história do Brasil e da construção de Brasília e representa a visão de JK em transformar a região central do Brasil em uma capital moderna.

Após ser reconhecido como patrimônio, ainda em 1959, o Catetinho foi organizado com salas expositivas para receber os visitantes e turistas, e foi estabelecida uma historicidade aos ambientes. O objetivo deste artigo é refletir sobre a construção da narrativa museal do Museu do Catetinho, localizado em Brasília (DF), e a produção de narrativas expográficas³ na perspectiva da memória nacional, considerando que “as representações só adquirem significado quando encarnadas no cotidiano dos atores sociais” (ORTIZ, 2012, p. 133), pretende-se observar as representações das classes sociais no círculo do patrimônio cultural.

São poucos os registros do processo expográfico do Catetinho e por isso procurou-se complementar com informações obtidas em registros iconográficos e em notícias publicadas sobre o Catetinho em jornais de circulação nacional que compõem o acervo da Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional, colaborando assim com a construção de uma linha do tempo expográfica. Considerou-se o conceito de documento histórico e de expansão documental, qual seja “documento escrito clássico [que] passou a ser somado [...] à fonte iconográfica, ao relato oral (quando possível), a análises seriais e a todo e qualquer mecanismo que possibilite uma interpretação” (KARNAL; TATSCH, 2017, p. 22).

A primeira parte deste texto é um breve relato da construção, inauguração e patrimonialização do Catetinho. Em seguida, abordamos aspectos da musealização, especialmente da seleção do acervo e da comunicação expográfica. O referencial teórico leva em consideração os conceitos de: memória nacional, de Renato Ortiz; patrimonialização de bens culturais como forma de construção de uma narrativa

³Expografia - Termo usado, preferencialmente, para o “conjunto de técnicas específicas para a montagem de uma exposição, e se vale de uma gama de canais para que ela se concretize, tais como etiquetas, iluminação, circuitos expositivos, paleta de cores, sinalização, identidade visual, o próprio discurso museológico, entre outros”. VASCONCELOS, Vanessa Gonçalves de. **Cultura material e a produção de narrativas expográficas**. I Colóquio de Gestão do Patrimônio Cultural, 2019.
v. 13, n. 1

Building the way

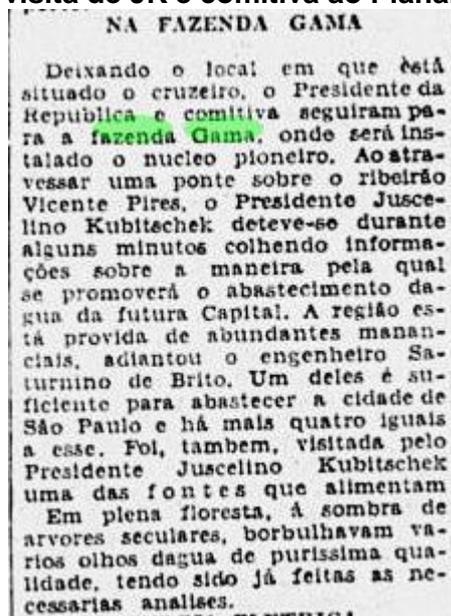
histórica, de Eric Hobsbawm em “Invenção das tradições”; e, sentimento de pertencimento à uma nação, de Benedict Anderson em “Comunidade Imaginada”.

235

De residência presidencial provisória a patrimônio histórico nacional – um breve relato dos anos iniciais (1956 a 1959)

Em 2 de outubro de 1956, o Presidente Juscelino e sua comitiva realizaram a primeira visita ao local estabelecido para a construção de Brasília⁴⁵. A imprensa cobriu passo a passo, incluindo a ida à Fazenda Gama, terreno apontado para ser estabelecido o núcleo pioneiro (Figura 1), com destaque para as qualidades do local, tais como sombra e água fresca.

Figura 1: Notícia publicada em 2 de outubro de 1956 – Primeira visita de JK e comitiva ao Planalto Central



Fonte: Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira⁶

O sítio escolhido para a construção provisória ficava a 500 metros a oeste da sede da Fazenda do Gama, desapropriada pela comissão estadual goiana de cooperação para a mudança da capital, chefiada por Altamiro de Moura Pacheco.

⁴Mapa do Distrito Federal. VIDAL, Laurent. **De Nova Lisboa a Brasília: a invenção de uma capital** (séculos XIV-XX). Brasília: UnB, 2009.

⁵A bordo de um avião Douglas DC-3 da FAB, o então Presidente Juscelino Kubitschek e comitiva desembarcaram na Vera Cruz, uma pequena pista de pouso aberta em 1955 por Bernardo Sayão.

⁶ A futura Capital: na Fazenda Gama. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 3 out. 1956. **v. 13, n. 1**

Building the way

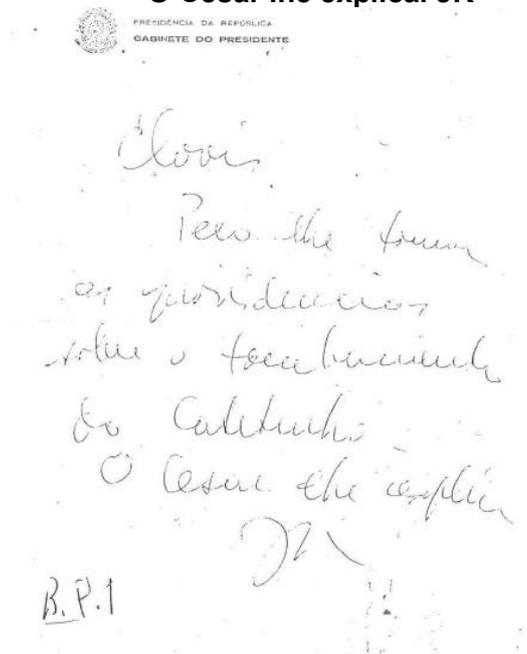
Acerca da localização, acredita-se que a escolha foi motivada pela distância mínima suficiente para evitar interferência no desenho urbano do Plano Piloto, bem como utilizar a casa-sede da desapropriada fazenda como ponto de apoio para mantimentos e serviços (IPHAN, 2017).

236

O pioneiro César Prates relata em seu diário detalhes da empreitada, que começou a ser levantada no dia 17 de outubro e terminou em 27 de outubro (PRATES, 1983). Apelidado por muitos de Palácio de Tábuas, por ser a madeira o material construtivo predominante na edificação, o Catetinho foi inaugurado em 10 de novembro de 1956. Conjuntamente com Oscar Niemeyer, foi Niomar Sodré⁷, fundadora e então diretora do Museu de Arte Moderna (MAM) do Rio de Janeiro, responsável pela decoração do Catetinho. Os móveis foram encomendados por Niemeyer na Galeria OCA, de Sérgio Rodrigues e Paolo Grasseli, reconhecidos na área de *design* de interiores.

Com a conclusão das obras do Palácio da Alvorada, o Catetinho perde sua função de residência presidencial, e o Presidente Juscelino solicita o tombamento da edificação, atribuindo à César (Figura 2) a responsabilidade para as tratativas.

Figura 2: Bilhete
“Clóvis: peço-lhe tomar as providências sobre o tombamento do Catetinho.
O César lhe explica. JK”



Fonte: Acervo IPHAN

⁷A OCA fará a 1ª decoração de Brasília. **Correio da Manhã**, RJ, 23 out. 1956.
v. 13, n. 1

No discurso da cerimônia de tombamento, o diretor do DPHA, Rodrigo Melo Franco de Andrade, apontou como principal valor a ser preservado “o registro edificado das humildes origens do que haveria de ser a grande saga nacional da mudança da capital federal” (MELO, 1959, p. 19), com foco no Patrimônio Material, como previsto em sua gestão (1937-1967)⁸, enfatizando a importância da preservação do patrimônio material.

O Catetinho tem três escalas, a da ambiência, a da arquitetura e a dos bens integrados é (sic), então, discutida segundo três aspectos: primeiro, como signo visível de um evento histórico de abrangência nacional, qual seja, o pontapé inicial da construção da nova capital federal; segundo, como monumento arquitetônico ímpar, sendo uma das raras obras de Oscar Niemeyer em madeira e exemplar da transposição dos princípios do modernismo carioca para esse material; por fim, como local privilegiado de representação e transmissão da memória por meio da ambientação, cenografia e vivência de um conjunto marcante. (IPHAN, 2017, p. 140).

A placa em bronze está em uma parede de alvenaria no pilotis da edificação principal, imóvel tombado como patrimônio nacional em 21 de julho de 1959 pelo DPHAN⁹ por meio do Processo nº 0594-T -59, tendo sido inscrito no Livro do Tombo Histórico sob o nº 329, conforme descrito no telegrama enviado ao Presidente JK (Figura 3).

⁸Conhecida como era “pedra e cal” representada principalmente pela valorização e preservação de edificações e monumentos.

⁹ **DPHAN** (o) - Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (1946–1970). **SPHAN** (o) - Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (1937–1946). **IPHAN** (o) - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (1970–1979, 1994–atual).

Building the way

Figura 3: Telegrama de 2 de setembro de 1959 do presidente JK em agradecimento ao Diretor do DPHA

DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELÉGRAFOS		TELEGRAMA	
NÚMERO DE INSCRIÇÃO Precatório Nº horas EDP	BRANCO DA ESTACÃO 	OF DR RODRIGO M F ANDRADE VG DIRETOR PATRIMONIO HISTORICO E ARTISTICO NACIONAL R IMPRENSA N 16 DF	
ANBULO - P DO CATETE DF 461,50,12, NIL			
HABITUE-SE A INDICAR NO RECÍPIO DO SEU TELEGRAMA A HORA EM QUE O RECEBER. COM ESSA PROVIDÊNCIA, AUXILIARÁ O DEPARTAMENTO NA FISCALIZAÇÃO DA ENTREGA DOS TELEGRAMAS.			
MUITO SENSIBILIZADO AGRADECO AO PRESADO AMIGO GENTILESA QUE TEVE COMUNICAR ME INSCRIÇÃO NO LIVRO TOMBO HISTORICO EDIFICIO DENOMINADO CATETINHO VG DE BRASILIA PT CORDIALMENTE PT			
JUSCELINO KUBITSCHKEK VG PRESIDENTE REPUBLICA --			
T. D. E. T. 2.9.59		M. E. C. Protocolo - D. P. H. A. N. N.º 965 159	

Texto: “Muito sensibilizado agradeço (sic) ao presado (sic) amigo gentileza (sic) que teve comunicar me inscrição (sic) no livro tomo histórico edifício denominado catetinho de Brasília. Cordialmente Juscelino Kubitschek Presidente da República”.

Fonte: Acervo IPHAN

A Novacap¹⁰ reteve a posse do Catetinho até o ano de 1976, quando repassou ao Governo do Distrito Federal, com o entendimento de que o Catetinho, além de uma atração turística, havia se tornado um bem cultural (IPHAN, 2017). Em 1989, a proteção legal ao Catetinho é recepcionada de ofício pelo Governo do DF por força do art. 6º da Lei Distrital nº 47, de 2 de outubro de 1989 (IPHAN, 2017, p. 57).

Nesse processo de patrimonialização do Catetinho, é fundamental resgatar os apontamentos de Eric Hobsbawm ao conceituar a “invenção das tradições”, onde o autor questiona as práticas de natureza simbólica que “visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado” (HOBSBAWM, 1984, p. 9). A patrimonialização de bens culturais é a construção de uma narrativa histórica.

Cumpre ressaltar que a seleção de bens a serem tombados como patrimônio nacional faz parte de um projeto maior de construção de identidade nacional, já que as escolhas sobre o que deve ser valorizado e preservado como

¹⁰ Novacap - Companhia Urbanizadora da Nova Capital, empresa estatal brasileira do Distrito Federal, fundada em 19 de setembro de 1956 mediante aprovação da Lei nº 2874/1956.

Building the way

patrimônio refletem as visões e interesses de diferentes grupos sociais. Destaca-se neste cenário desenvolvimentista do Brasil a visualidade de um personagem político destaque no projeto de modernização da nação, a figura central de JK.

Juscelino Kubitschek, como articulador desse movimento modernista de um novo centro político e de poder da nação, que vai de encontro ao que “presume-se que se manifeste de maneira mais nítida quando uma “tradição” é deliberadamente inventada e estruturada por um único iniciador” (HOBSBAWM, 1984, p. 13).

239

Musealização do Catetinho

Sua fé nasceu, verdadeiramente, quando ficou pronto o Catetinho e começaram as visitas, cada vez mais frequentes do chefe do governo e de outras personalidades importantes, além de turistas e pessoas interessadas no florescimento da nova cidade. (Aripino Pereira Lina, primeiro trabalhador braçal de Brasília, 21 de abril de 1960)¹¹.

Na concepção de Anderson (2008), uma comunidade imaginada é uma comunidade que é construída na mente das pessoas a partir de um sentimento compartilhado de pertencimento a uma nação. A fala do senhor Aripino, no jornal na inauguração da Nova Capital, ilustra bem a definição do autor: “nem sequer ouvirão falar da maioria dos seus companheiros, embora todos tenham em mente uma imagem viva de comunhão entre eles” (ANDERSON, 2008, p. 13).

Os museus podem ser considerados espaços que ajudam a construir essa comunidade imaginada. A musealização, por sua vez, começa na valorização seletiva de objetos com qualidades distintas, um processo que integra preservação e comunicação. A “documentalidade refere-se a ensinar algo a, logicamente alguém [...] como testemunho, o objeto deve ser preservado” (CURY, 2005, p. 25). De acordo com a autora:

Entende-se o processo de musealização como uma série de ações sobre os objetos, quais sejam: aquisição, pesquisa, conservação, documentação e comunicação. O processo inicia-se ao selecionar um objeto de seu contexto e completa-se ao apresentá-lo publicamente por meio de exposições, de atividades educativas e de outras formas. (CURY, 2005, p. 26).

¹¹ Primeiro trabalhador braçal de Brasília nasceu em Vila Isabel: Aripino Pereira Lina. **Correio Braziliense**, Brasília, 21 abr. 1960, p. 15.
v. 13, n. 1

No contexto patrimonial, segundo Dias e Lima (2012), o título de nacional vem impregnar o destino do local para elaborar e disseminar ideias de nação, em processos de representação cultural. Para ilustrar (Figura 4).

Figura 4: “TINTAS CORAL pintaram o CATETINHO 1960



Fonte: Acervo Hemeroteca Digital Brasileira

Assim que foi tombado pelo DPHA, veiculou-se que o Catetinho era um museu nacional, como pode ser observado até em propagandas comerciais de patrocinadores (Figura 4); esta da inauguração de Brasília, em 21 de abril de 1960, é um recorte dos Diários Associados na Edição Comemorativa da Transferência da Capital Federal para Brasília. A propaganda diz: “Primeira residência oficial do Presidente da República em Brasília, ao ser transformado em Museu Nacional, preservando para a posteridade o primeiro monumento histórico da cidade!”.

Dias e Lima (2012) acrescentam que “coleccionar é uma prática indissociável dos museus: é por ela que se constituiu o corpo edificado, materializado dessas instituições estatais, operada por rotinas administrativas que guardam e transmitem histórias” (DIAS; LIMA, 2012, p. 203). No caso do Museu do Catetinho,

Building the way

foram selecionados objetos que pertenceram ao presidente e a primeira composição de diretoria da Novacap¹², além de objetos associados aos anos 1950.

241

[...] desejo de resguardar do tempo tudo o que fosse original e autêntico, bem como um forte sentimento comemorativo pelo passado. Neste tipo de museu, aqui caracterizado como um 'museu-memória', a história é apresentada por uma sequência de objetos e palavras do passado que reflete uma temporalidade descontínua e pontual (SANTOS, 2006, p. 21).

Para exposição de longa duração, parte do mobiliário e dos equipamentos foi preservada em seus ambientes de origem. A coleção do Museu do Catetinho é constituída por:

Grupo 1: mobiliário, obras de arte e objetos decorativos comprovadamente presentes no Catetinho durante o período em que a edificação foi utilizada como moradia provisória. · Grupo 2: mobiliário e objetos removidos do Brasília Palace Hotel em 1978 e que tenham transitado pelo Museu Vivo da Memória Candanga, ou ainda imediatamente incorporados à expografia do Catetinho. · Grupo 3: objetos comprovada ou presumidamente relacionados às pessoas que ocuparam o Catetinho até 1959, mas provavelmente levados para o local somente após sua conversão em museu. · Grupo 4: objetos recebidos para compor ambientação cenográfica e contexto de época, informalmente incorporados ao acervo e, em geral, sem comprovação de origem (IPHAN, 2017, p. 159).

Destaca-se neste processo de musealização, a valoração do anexo da edificação principal, onde ficavam os trabalhadores:

O valor artístico reside na maneira artesanal de solucionar demandas funcionais até mais complexas do que as da residência provisória. A rusticidade dos equipamentos fixos, fogão a lenha, bancadas com pias, tanques de lavar, estantes e soluções construtivas de ventilação contínua remetem à arquitetura vernácula do interior do Brasil [...] Essa arquitetura vernáculo-modernista é significativa, pois resgata de modo único, em conjunto com todos seus utensílios, o espírito da época da construção da nova capital (IPHAN, 2017, p. 117-118).

¹² Primeira composição da Diretoria Novacap: Israel Pinheiro - Presidente; e Diretores: Ernesto Silva; Bernardo Sayão e Íris Meinberg. Nomes como do arquiteto Oscar Niemeyer e do urbanista Lúcio Costa compuseram o quadro de funcionários da Novacap nesse período (1956-1960).

Building the way

No processo de aquisição, em 1998, foram incluídos objetos de valor histórico e afetivo, como as vestimentas utilizadas no baile de inauguração de Brasília, o vestido da primeira dama, Sarah Kubitschek, e a casaca do presidente da República e outros, como bolsas da companhia Panair, chapéus e pertences pessoais de pioneiros, como Ernesto Silva e Dilermando Reis.

Exposição, uma forma de comunicação

O discurso do Museu do Catetinho como lugar preservado da história da nação foi reforçada ao longo dos anos, explícito com uma notícia de um jornal local que trazia em manchete “No Catetinho, a “real” história de Brasília”, de 1976¹³

Figura 5: “No ‘Catetinho’, a real história de Brasília”. 1976



Fonte: Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira

Destaca-se o seguinte trecho:

Verdadeiras relíquias estão ali arquivadas mostrando a todos que o visitam onde Juscelino e comitiva fez (sic) a sua primeira refeição, dormiu o primeiro sono e tomou o primeiro banho. Peças de uso doméstico, escrivaninhas, mesas, cadeiras, espelhos, cortinas e todos os utensílios estão ainda no mesmo local, guardadas que foram para

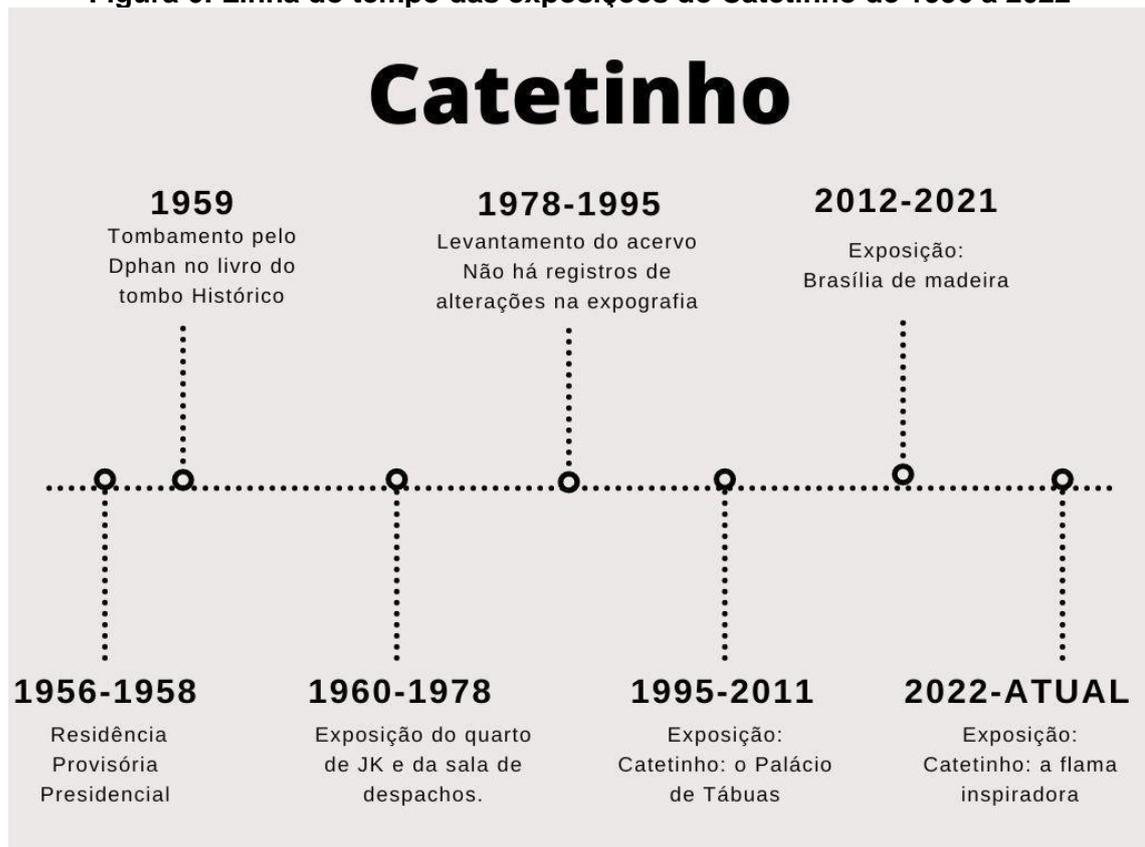
¹³ NUNES, Marcus Vinicius B. No Catetinho, a “real” história de Brasília. Coluna Turismo. **Correio Braziliense**, Brasília, 19 set. 1976. p. 20. **v. 13, n. 1**

mostrar a gerações futuras por onde passaram os primeiros homens que vieram ao Planalto Central para construir Brasília (NUNES, 1976, p. 20) [grifo nosso].

O museu como instituição do Estado desempenha papel crucial na formação de uma memória nacional, sendo considerada por Dias (2006, p. 353) “uma estratégia na construção de um patrimônio que garanta os vínculos com o passado [...] fundamental na formulação de uma determinada representação nacional”.

Mostrar a gerações futuras, como descrito na notícia (Figura 5) emprega ao museu o processo formativo da nação com cunho educativo, pois “o Estado assume a paternidade da nação e constitui o que será identificado e transmitido ao povo como patrimônio, para que o preserve e retransmita às gerações futuras” (DIAS; LIMA, 2012, p. 204). Analisando as exposições ao longo das décadas (Figura 6), observa-se a importância dada ao aspecto informativo sobre a história do bem tombado, “uma projeção do estágio inicial do processo de construção de Brasília como ponto alto da memória cívica do Brasil vindouro” (IPHAN, 2017, p. 173).

Figura 6: Linha do tempo das exposições do Catetinho de 1956 a 2022



Fonte: Elaborada pela autora

A exposição de longa duração que perdurou de 1960 a 1995 remetia à figura do desbravador JK e seus fiéis apoiadores com a placa com os nomes, uma sequência de fotos da chegada à Fazenda Gama e na construção do Catetinho. Preservaram-se os móveis da sala de despachos (Figura 7), o quarto de JK e a cozinha.

Em 1982, o governador do Distrito Federal, Aimé Alcebíades Silveira Lamaison¹⁴, determinou um levantamento de informações sobre o Catetinho para compor uma narrativa museal. Diz a nota publicada: “Três figuras serão convocadas [...] para contar ‘causos’ da época a fim de que museólogos, decoradores e arquitetos possam ter uma imagem, um retrato falado da época. Oscar Niemeyer, César Prates e Luciano”¹⁵.

Figura 7: Poltronas na Sala de Despacho do Catetinho, 1978. Esquerda: Poltrona Costela em sucupira, Carlo Hauner e Martin Eisler para Forma, atestada no Catetão. Direita: Poltrona Womb, Eero Saarinen



Fonte: Arquivo Secretaria de Estado de Cultura do Distrito Federal

¹⁴Aimé Alcebíades Silveira Lamaison (1918-1998), nascido em Passo Fundo (RS). Militar e político brasileiro, foi governador do Distrito Federal, entre os anos de 1979 e 1985, nomeado na Ditadura Militar pelo Presidente da República João Batista Figueiredo.

¹⁵Luciano Pereira, administrador do Catetinho desde o governo JK até meados de 1985. Sobre a notícia: TAVARES, Sérvulo. **Confidencial**. Correio Braziliense, 20 fev. 1982, p. 3.

Building the way

De 1995 em diante, refere-se a um “museu comemorativo da memória das personalidades ilustres que despacharam ou se hospedaram no Catetinho” (IPHAN, 2017, p. 53). As portas dos quartos receberam os nomes de JK e dos diretores da Novacap, Ernesto Silva, Bernardo Sayão e Israel Pinheiro. No pilotis uma imensa arte reforçava o desbravamento de Juscelino pelo Planalto Central, com reproduções do presidente em suas viagens no avião Douglas DC-3 e no jipe Maracangalha.

Em 2012, após uma reforma que durou oito meses, o museu foi reaberto com uma nova exposição de longa permanência: “Brasília de Madeira” (2012-2022), que trazia relatos de operários da Fertiza SA¹⁶, nos dez dias de construção do Catetinho.

O conteúdo interpretativo, na forma de cartazes, está física e conceitualmente desvinculado do acervo material; nos aposentos que contêm objetos, não há nem placas informativas, nem textos interpretativos para auxiliar a compreensão do ambiente. Tampouco há diferenciação entre as categorias de objetos identificadas acima. Essa disposição não contribui para fortalecer os **valores históricos e memorialísticos associados com o Catetinho**, decorrente da inexistência de plano museológico ao longo de toda a história do Catetinho (IPHAN, 2017, p. 127) [grifo nosso].

Observa-se uma insistência do IPHAN para que o local seja um espaço que fortaleça os valores de memória, aqui entendidos como memória nacional. Em dezembro de 2019, religando a relação histórica entre o Catetinho e a ex-sede da Fazenda Gama, foi assinado um termo de cessão de passagem entre a Secretaria de Cultura e o Brasília Country Club, permitindo à comunidade circular de forma integrada pelo território do antigo núcleo pioneiro. Renomeado de Museu Casa Velha, a edificação tombada no âmbito distrital em março de 2006, é uma moradia rural do século XIX, referência preservada de exemplar da arquitetura vernacular que apresenta uma exposição de longa permanência sobre a relação histórica entre a Fazenda Gama e a construção do Catetinho.

Memória em processo contínuo de ressignificações

¹⁶Fertiza SA - Empresa de Fertilizantes, de Araxá MG. Teve participação direta na construção do núcleo pioneiro, com o envio de mão de obra e materiais para a construção.
v. 13, n. 1

Building the way

Brasília emerge de um esforço de muitos homens e mulheres ao longo de décadas, que se entregaram e acreditaram na dádiva da nova capital. O Catetinho foi o pontapé inicial deste esforço coletivo, e no recorte do Diários Associados em 1960 já observamos o ressentimento de pessoas que não foram reconhecidas como deveriam.

246

Agripino não tem seu nome inscrito na placa de bronze do Catetinho, entre os dez primeiros construtores de Brasília... (embarcou) com outros nove homens nos três 'FNM' que levaram móveis e viveres destinados à instalação do Catetinho, nos sertões do Brasil Central. (DIÁRIOS ASSOCIADOS, 1960, p. 15).

A placa de bronze citada está desde 1958 no local-monumento para fazer recordar o feito de amigos pioneiros, apresentando apenas dez nomes e nenhuma menção aos tantos outros. Costa e Suzuki (2012, p. 1) apontam que “pouco importou o povo nativo e mesmo seus construtores (nortistas e nordestinos) em mais esse empreendimento geopolítico de integração territorial”.

A preservação de monumentos e edifícios históricos pode ser vista como uma forma de valorizar a história e a cultura de uma nação. No entanto, a valorização de determinados grupos pode gerar conflitos com outros que se sentem marginalizados ou excluídos da narrativa. Eric Hobsbawm traz a seguinte reflexão:

A história que se tornou parte do cabedal de conhecimento ou ideologia da nação, Estado ou movimento não corresponde ao que foi realmente conservado na memória popular, mas **àquilo que foi selecionado, escrito, descrito, popularizado e institucionalizado** por quem estava encarregado de fazê-lo (HOBBSAWM; 1984, p. 22). [grifo nosso].

As escolhas sobre o que deve ser valorizado e preservado como patrimônio refletem as visões e interesses de diferentes grupos sociais, podendo o patrimônio torna-se um campo de disputas para a construção da identidade nacional. O institucionalizado é parte do constructo do que deve ser elevado ao *status* de memória nacional. O Catetinho foi selecionado pelo Estado para transmitir a ideia de civilidade e modernismo da nova capital e das pessoas de JK e seus amigos, os homens brancos do sudeste desbravadores do deserto do Planalto Central.

Building the way

A pesquisa em jornais de circulação nacional das décadas de 1950 e 1960 permitiu, sob a ótica da imprensa, chegar a pessoas comuns e, com esses achados, ter uma visão diferenciada e ampliada da historicidade dos fatos, culminando assim com a constatação de que “o documento pode trazer um dado que nenhum outro traz e criar uma nova visão” (KARNAL; TATSCH, 2017, p. 23).

Se concluímos que não existe um fato histórico eterno, mas existe um fato que consideramos hoje um fato histórico, é fácil deduzir que o conceito de documento siga a mesma lógica. Fato e documento histórico demonstram nossa visão atual do passado, num diálogo entre a visão contemporânea e as fontes pretéritas. (KARNAL; TATSCH, 2017, p. 13).

Outro achado data de 1981. O senhor Luciano Pereira lamentava no jornal que, “apesar de todo entusiasmo e carinho que devota ao Presidente e a sua família, vive esquecido, aliás, como quase todos os pioneiros”¹⁷. Luciano exercia a função de guarda-corpo da pista de pouso que funcionou no Núcleo Pioneiro de 1956 a 1958, atuando no cargo de assistente conservador do Patrimônio Histórico Nacional, posterior Encarregado do Catetinho, no período compreendido entre 1959 e 1982, ano que se aposentou¹⁸.

A exposição de longa permanência “A Flama Inspiradora” foi inaugurada em abril de 2022¹⁹ e é um desdobramento da pesquisa e de seus achados. A nuvem de palavras (Figura 8) é uma representação visual de dados de texto da expografia atual:

¹⁷“Catetinho” está exigindo reforma. **Correio Braziliense**, Brasília, 7 mar. 1981, p. 8.

¹⁸ Catetinho pede ajuda. **Correio Braziliense**, Brasília, 1º mar. 1982.

¹⁹ A autora deste artigo é curadora da exposição “Flama Inspiradora”. As informações são fruto do trabalho da pesquisadora, que exerce função na instituição desde maio de 2017, como gestora em Políticas Públicas e Gestão Governamental - especialidade bibliotecária no Governo do Distrito Federal, e é Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio da Universidade Estadual de Goiás - PROMEP/UEG, Câmpus Cora Coralina - Cidade de Goiás - GO.

Building the way

Parada, com o nome das muitas antigas fazendas, desvinculando-se da ideia de deserto e evidenciando que o lugar era habitado e possuía uma rica e singular cultura material e imaterial. Neste ponto, vale destacar o Quilombo do Mesquita, demarcado no mapa que está na exposição atual e que teve participação direta na construção do núcleo pioneiro. Na sala que fala dos trabalhadores, além dos operários que vieram do sudeste, ressaltam-se os quilombolas e sua atuação, bem como o apoio com alimentos e verduras produzidas no território distante menos de 40 quilômetros.

Além dos elementos já mencionados, buscou-se a inclusão da contribuição feminina, com painéis que trazem a importância de sua atuação. São exemplos a desenhista do Mapa do Novo Distrito Federal; as trabalhadoras que davam suporte logístico aos esforços, como as cozinheiras, e as pioneiras que vieram acompanhar os diretores e que organizaram o núcleo pioneiro.

Considerações finais

Para Renato Ortiz a memória nacional “opera uma transformação simbólica da realidade social” (ORTIZ, 2012, p. 138), de tal modo que o Estado delimita o quadro da construção social, ao passo que os intelectuais são os construtores deste simbolismo. Essa reflexão sobre a memória nacional é essencial para compreender os patrimônios, como é o caso do Catetinho, tendo em vista que os intelectuais do IPHAN são construtores, pois selecionam os bens que serão reconhecidos como importantes para preservação.

No que se refere à musealização, é necessário refletir continuamente os processos de representação cultural do museu, haja vista a problematização que colabora na construção dessa comunidade imaginada, falada anteriormente, uma vez que as narrativas expográficas apresentadas em seu espaço contribuem para a formação da identidade coletiva. Além disso, os museus podem possibilitar que as pessoas se reconheçam e se identifiquem com a história e a cultura da comunidade à qual pertencem.

<https://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/simposio2016/pdf/6EliasSilva_3SBCH.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2022.

Building the way

Ortiz (2012, p. 137) vai adiante e questiona: “A que grupos sociais elas se vinculam e a que interesses elas servem”? O que se observa no Catetinho das primeiras décadas é a criação de um discurso fragmentado do núcleo pioneiro e uma história de heróis, bem como a escolha de personagens épicos, pioneiros, ignorando a existência de cultura local na região, passando a imagem de um “deserto no planalto central”.

O percurso dessa escolha narrativa não foi encontrado nos arquivos, mas ao longo dos anos prevaleceu o aspecto memorialístico de personagens ilustres que abdicaram do conforto para a simplicidade residencial dos anos iniciais da construção de Brasília. Esse discurso nos parece com os constituintes subjetivos da nação moderna que Hobsbawm (1984) alicerça em símbolos da história nacional.

Considerando que a concepção arquitetônica do Palácio de Tábuas e que o papel político desse lugar entrecruza o processo de formação da memória nacional e das disputas de poder de elites políticas e econômicas que têm interesses específicos na construção de determinadas narrativas históricas e culturais, a pesquisa sobre seu acervo e sua história pretende contribuir continuamente para que as narrativas expositivas conduzam à reflexão do seu público na perspectiva atual.

O Museu do Catetinho, ao trazer falas que foram silenciadas na narrativa por uma classe hegemônica do núcleo pioneiro no período da construção de Brasília, permite discussões acerca do papel de pessoas comuns naquele tempo-lugar na história frente às classes dominantes nessa etapa transitória da mudança da capital do país.

Por isso é importante que o Museu do Catetinho esteja aberto à diversidade de perspectivas e experiências e que seja capaz de representar de forma plural a história da comunidade a que serve. A pesquisa Memória Catetinho ainda está em andamento e com certeza novos elementos surgirão e a partir destes virão novas percepções para serem trabalhadas no processo comunicacional expográfico do Museu.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Building the way

COSTA, Everaldo Batista da; SUZUKI, Júlio César. A ideologia espacial constitutiva do Estado nacional brasileiro. In: **Scripta Nova Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, Barcelona, v. 26, n. 418 (6), 1 nov. 2012. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-418/sn-418-6.htm>. Acesso em: 25 fev. 2023.

251

CURY, Marília Xavier. **Exposição: concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2005.

DIAS, Carla da Costa. O Museu Nacional: formando e conformando o patrimônio nacional. In: **Ilha Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 8, n. 1, 2006, p. 339-357.

DIAS, Carla da Costa; LIMA, Antônio Carlos de Souza. O museu nacional e a construção do patrimônio histórico nacional. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, n. 34, 2012, p. 199-221.

HOBBSAWM, Eric Hobsbawm. Introdução: A invenção das tradições. In: _____; RANGER, Terence Ranger (Org.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 9-23.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Inventário do Catetinho**. Brasília, 2017.

KARNAL, Leandro; TATSCH, Flavia Galli. A memória evanescente. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2017. cap. 1, p. 9-28

MELO, Rodrigo de. **Discurso de tombamento Catetinho**. Rio de Janeiro: DPHA, 1959.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

PRATES, César. **Do Catetinho ao Alvorada**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1983.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **A escrita do passado em museus históricos**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.